

# PANCHO GUEDES, UM ARQUITECTO EM MOÇAMBIQUE — PRÉ-SUSTENTABILIDADE OU INTUIÇÃO TECTÓNICA

Miguel Fernandes Santiago\*

Pág. 225 a 233

## 1. Formação e processo antropológico

Amâncio d'Alpoim Miranda Guedes, conhecido por Pancho nasceu em Lisboa, a 13 de Maio de 1925. A sua infância foi passada, primeiro em São Tomé, e mais tarde, em Moçambique. Aqui, o destino foi Manjacaze, onde frequentou a escola primária. Lembra desta altura, as viagens que fazia com o pai pela floresta, de onde recorda as frondosas e fantásticas árvores. Deste modo, desde muito cedo teve uma forte familiaridade com a natureza e culturas locais.

Mais tarde, foi mandado para um colégio interno em Lourenço Marques. Os resultados escolares não muito bons determinaram a sua ida para a África do Sul, para o *Maritz Brothers College*, em Joanesburgo. Datam, desta altura, os “primeiros” desenhos, obviamente infantis. Desenvolveu o entusiasmo por actividades que não eram ensinadas na escola. O cinema e o crescente interesse pela pintura levaram-no a visitar com frequência inúmeras galerias de arte e a procurar bibliografia compatível com os seus anseios e, finalmente, o desejo de fazer os seus próprios desenhos. Terminados os estudos secundários, queria seguir o curso de pintura, mas os seus pais “convenceram-no” a ir para arquitectura. Pancho Guedes ingressou no curso de arquitectura na *University of the Witwatersrand*, em Joanesburgo.

Numa sociedade marcada pela guerra, atribulada e complexa, Pancho encontra inúmeros amigos nas áreas das artes visuais e com eles promove exposições, desenvolvendo energicamente uma cultura artística marcada tanto pelas culturas locais como pelos grandes movimentos das elites ocidentais.

Terminada a licenciatura em arquitectura instala-se em Lourenço Marques. Durante mais de vinte anos, até 1975, desenvolveu e produziu no seu ateliê um conjunto de obras significativas, das quais se destacam:

---

\* Universidade da Beira Interior

o *Prometeu* (1951-53), a Padaria *Saipal* (1952-54), o *Leão que Ri* (1956-58), a *Casa Vermelha* (1969), várias Igrejas e um conjunto de obras para a Missão Suíça.

Após abandonar Moçambique, Pancho Guedes instalou-se, entre 1975 e 1990, na África do Sul, leccionando durante este período na *University of the Witwatersrand*, sendo director entre 1975 e 1988. Foi Professor convidado em inúmeras Universidades, das quais se destacam: a *University of Queensland* (1980), na Austrália, a *University of California (U.C.L.A)* (1982), em *Los Angeles*, nos Estados Unidos e a *Technion University Haifa* (1988), em Israel.

Regressa, finalmente a Portugal em 1990, onde reside e trabalha.

As suas vivências, residências, viagens, profissões, conferências são múltiplas e diversas tanto no tempo como no espaço; esta dimensão nómada propõe e intensifica uma epistemologia abrangente e complexa, baseada nos valores locais e num conhecimento profundo da história.

## 2. Vocabulário(s) estilo(s)

Desde que iniciou os seus estudos em arquitectura, Pancho Guedes desenhou e pintou intensamente, explorando os limites entre as várias artes visuais. Apesar do grande entusiasmo pela arquitectura, continuou a desenvolver o seu talento pelo desenho e pela pintura, assim a postura de Pancho Guedes é, decididamente, a do arquitecto artista.

O caso de Pancho Guedes torna-se paradigmático pelo seu percurso, fundamentalmente pela permanência eclética do seu discurso, procurando ao longo dos anos e, nas suas centenas de projectos, um estilo reconhecível – homogéneo – na complexidade e multiplicidade das “famílias” arquitectónicas, mantendo, simultaneamente, o equilíbrio entre um vocabulário próprio e um “ecletismo”, sem nunca descurar uma direcção muito pessoal. Não podemos decifrar esta atitude como um mero formalismo; a forma resulta da conciliação de vontades em conflito, e é necessário um restabelecimento do poder decisivo do desenho. O espaço manifesta-se através da luz, da cor e da ilusão. Revela grande conhecimento pelo passado, privilegia o interesse por arquitectos, artistas, estilos e movimentos, sem menosprezar as questões do presente.

Para além das referências históricas (arquitectónicas, teóricas e pictóricas) enraizadas num complexo pensamento das artes, o arquitecto tem um fascínio por todas as formas de arte e cultura populares, que são reminiscentes da religiosidade africana. Os desenhos de padrões geométricos do povo *Ndebele* do Transvaal, mais conhecido como tribo *Mapogga*, são um exemplo significativo da influência das artes africanas na sua obra. Esta justaposição entre erudito e popular caracteriza inequivocamente, a sua obra.

A influência do mundo colonial torna-se perceptível através dos sistemas de proporção autóctones, da métrica e de um topos que evidencia os valores sócio-culturais de determinada região, povo ou país.

Dependendo das características do programa, das “imposições” do cliente e das contingências do processo, a sua obra possui, com maior ou menor evidência, aspectos universais, intemporais e poéticos – o simbólico, o onírico, o arquétipo, o etnográfico e o metafórico.

A concepção no projecto é a matriz de uma ideia globalizante do objecto arquitectónico; origina percursos distintos e é formadora de um conjunto alargado de hipóteses, que se articulam na procura da “boa” solução final.

### 3. Construção, natureza e economia

Uma das marcas do percurso de Pancho Guedes é a capacidade de trabalhar com limitações financeiras, improvisando novas situações com os materiais de construção e sistemas construtivos. Estas contingências não alteraram a qualidade da sua arquitectura, proporcionando uma forte admiração dos utilizadores, público em geral e seus pares.

É certo, que o seu fascínio pelo processo de construção e pela pormenorização alberga simultaneamente dois pólos opostos: por um lado aproveita e recupera os métodos tradicionais de construção, por outro, conhece e integra as novas tecnologias. Estas duas opções construtivas estão em consonância com as suas diferentes linguagens arquitectónicas. É o método da construção e a natureza do material utilizado que determinam a abordagem ao projecto por parte do arquitecto.

A dualidade de processos é mantida na relação com a obra. Se a pormenorização exaustiva desenvolvida no ateliê serviu para a construção

rigorosa de alguns projectos, outros houve, que só o acompanhamento regular da obra permitiu elevados níveis de rigor. Muitas vezes, Pancho Guedes trabalhou na própria obra, marcando, cortando, executando e aperfeiçoando.

“Passei muito tempo no local, fazendo marcações, dando explicações e construindo as asnas do telhado. A escola levou bastante tempo a ser construída mas acabámo-la bem e pintámo-la num ocre muito forte.”<sup>a</sup>

Este carácter experimental e de constante aperfeiçoamento do detalhe foi muito importante ao longo do seu percurso. Os edifícios revelam uma preocupação constante com a construção e a estrutura, possuindo uma forte carga poética que advém do seu “esqueleto”.

Alguns projectos para Escolas e Hospitais, e em quase todos os trabalhos desenvolvidos para a Missão Suiça, são despreziosos e profundamente realistas. Obras com um custo reduzido e em que a intervenção do arquitecto e da própria população foi crucial no desenvolvimento e execução da obra.

Um dos exemplos mais significativos é a *Escola Primária* em Antioka (1964-66), com a particularidade de que não foi utilizado qualquer tipo de máquinas – Pancho Guedes estava na sua fase “*Luddite*”<sup>b</sup>. O trabalho foi feito à mão e com materiais existentes no local; pedras, areia do rio e madeira das árvores que foram cortadas para abrir caminho para o edifício.

Além desta estação Missionária de Antioka, foram executadas com orçamentos mínimos, a pequena *Igreja* e a *Casa* em Choupal<sup>c</sup> (meados dos anos 60), a *Escola Agrícola* (1965) em Chicumbane, uma *Casa para Missionários* (1964-66) em Macuvulane e a *Escola Clandestina* (1968-69) no caniço de Lourenço Marques.

A *Escola Agrícola* em Chicumbane tinha pretensões de ser uma cidade ideal. Neste projecto criou-se uma forte simbiose entre edificação, espaços envolventes e o sistema de condutas de água da chuva. É este último, que, para além da sua função simbólica – não permitia a circulação de automóveis – e funcional – irrigação dos campos agrícolas – desempenha um papel estrutural e de aglutinação dos vários edifícios.

Em alguns casos, Pancho Guedes previu a construção de condutas, recipientes e a elaboração de sistemas de captação, recolha e reciclagem de água. Estes elementos são importantes em alguns projectos. Na *Casa*

*Almiro do Vale* (1964-66), as lajes foram desenhadas tendo em conta inclinações e soluções de pormenorização, que permitissem encaminhar a água das chuvas até um colector que a conduzia por um pilar no canto do reservatório.

Enquanto alguns dos seus trabalhos tiravam partido da qualidade plástica do betão, com excelentes resultados, outros, faziam uso dos costumes e tradições locais, tirando partido das técnicas e materiais rudimentares. O material tradicional de construção empregue pela comunidade negra de Lourenço Marques, era a cana e o capim, normalmente usado para as paredes; em casos excepcionais, a madeira era o material utilizado.

Baseando-se nas tecnologias dos séculos XVIII e XIX, utilizadas pelos construtores da Ilha de Moçambique, Pancho Guedes previu, no seu projecto para um *Hotel (Estalagem de S. Gabriel - 1969)*, construções em pedra coral e madeiras cortadas com um machado árabe.

As formas tradicionais da construção portuguesa são visíveis em alguns projectos do arquitecto. A mistura de pedra porosa<sup>d</sup> e cal, que cobre a laje de betão da *Casa de Leite Martins* (1951-54), remonta às técnicas utilizadas no século XVIII.

A *Catedral de Palhotas para Maciene* (1972) apresenta uma planta perfeitamente simétrica e centralizada, em que a forma da cruz se repete quatro vezes. Este conjunto, que lembra as plantas das cidades ideais da renascença, era constituído por uma cabana central destinada ao culto, ladeada por dezasseis habitações mais pequenas, uma vedação com quatro entradas, e por quatro canais para a água que se cruzam entre eles e que desembocam em oito depósitos de água. Quatro grandes árvores de caju rematam este conjunto geométrico.

A palhota central, destinada ao altar, seria construída pela comunidade, ao contrário das restantes palhotas, que seriam executadas pelas várias famílias residentes. De todos os desenhos transparece um conjunto profundamente ordenado e regrado.

Este projecto foi rejeitado pelo Bispo Anglicano que o entendia como pouco adequado ao culto.

A *Igreja dos Doze Apóstolos de Gala Massala* (1971), projectada como apoio a um conjunto de edifícios já existentes da numerosa comunidade da Missão Anglicana, também apresenta uma planta centralizada,

revelando-se uma solução extremamente económica, quer ao nível dos materiais, quer ao nível da estrutura e da composição. Também não foi construída, segundo se julga saber, devido ao pouco entusiasmo do missionário brasileiro responsável pela missão.

Situada no mato, esta enorme palhota redonda, com um altar central iluminado por uma clarabóia, dividia-se em doze partes, uma para cada apóstolo. Esta singular construção é completada por um banco corrido (interrompido pelos quatro vãos de entrada) em todo o perímetro da circunferência (paredes exteriores) e por dois anéis de pilares que suportam as asnas da cobertura.

Tal como no período dedicado à construção da *Escola Primária* da Missão de Antioka, Pancho Guedes encontrava-se num momento em que recusava a utilização de qualquer máquina na execução dos trabalhos <sup>e</sup>.

“Teoricamente, os missionários trabalham no sentido de eliminar os missionários. A ideia de uma missão é que ela deverá ser, mais tarde ou mais cedo, tomada pelos próprios missionados.”

A experiência adquirida com a construção da *Cozinha Comunitária e Alpendre* da Missão (anos 60), em Ricatla, constituiu uma lição de como construir barato, recorrendo a materiais locais rudimentares, e foi uma oportunidade para estabelecer contacto com a população local – como Muchlanga, um “construtor” que Pancho Guedes recrutou para participar no projecto da *Escola Primária* da Missão de Antioka. Na execução desta obra, em que o trabalho foi exclusivamente manual, participou um grande número de pessoas. Foram utilizados materiais existentes no local ou na sua proximidade: areia do leito do rio, pedra e madeira. Assim se fizeram os blocos de cimento, as fundações e todas as portas e janelas. Deste modo, conseguiu-se um custo muito reduzido, que incluiu a construção de uma cisterna de águas pluviais subterrânea, o mobiliário e até um pequeno barco que transportava os alunos do outro lado do rio Incomáti.

#### 4. Do caniço ao clandestino

O olhar do arquitecto Pancho Guedes sempre se reteve e se direccionou para os problemas sociais de carácter urbano.

A imprensa diária moçambicana, nos anos de 1963 e 1964, relata-nos um conjunto de preocupações com a população do caniço: ensino, educação, habitação, higiene, cheias, transportes e salubridade.

Entre todos os artigos de Pancho Guedes publicados em jornais, o texto corolário das suas preocupações é, na nossa opinião, *A Cidade Doente Manual do Vogal sem Mestre* (Tribuna 9-06-1963). Neste texto o arquitecto define quatro tópicos fundamentais para “curar” a cidade doente: (1º) preparação do doente, (2º) primeiros curativos no cinto peritonítico, (3º) tratamento demorado (na cidade do Caniço e nas encostas) e, finalmente (4º) a convalescença da cidade. Este artigo, com uma citação de Aldo van Eyck, analisa a cidade do caniço que, com os seus 300 000 habitantes se tornou numa imensa cintura suburbana. Ninguém sabia ao certo quantas pessoas viviam em barracas de zinco, lata, caixotes e caniço; sem esgotos, sem água e sem luz. Esta situação agrava-se consideravelmente com as catástrofes naturais. As inundações provocam uma onda de desgraça e de assaltos.

Nos artigos, entrevistas e imagens da época é possível perceber as condições inumanas das populações, resultado das situações precárias em que vivem as famílias que habitam o caniço.

Para além de um conjunto de munícipes que representavam várias associações e sectores da população, Pancho Guedes integrou este grupo de trabalho que pretendia encontrar uma solução para os problemas habitacionais dos subúrbios. Este grupo, para além de organizar reuniões de reflexão sobre o tema em causa, formulou um questionário que foi enviado à Câmara Municipal e que foi trazido a público pelo jornal *Notícias* (28-01-1964). Segundo uma acta camarária, as exigências preconizadas pelo grupo de trabalho excediam as possibilidades técnicas da Câmara.

Apesar do grupo formado ter pressionado o poder vigente, recolhido os dados técnico-económicos, e elaborado uma proposta que preconizava a criação de uma zona com as condições mínimas de habitabilidade, passadas cerca de quatro décadas, o caniço mantém-se aos olhos de toda a população.

A forma um pouco “subversiva” de projectar e de construir de Pancho Guedes, também se concretiza através do clandestino. O clandestino é interpretado como uma vontade, um princípio básico, levado a cabo por um conjunto de pessoas que lutam por um objectivo específico e que, neste caso ilustra o compromisso do arquitecto em realizar os seus projectos.

“Opero de uma forma bastante clandestina, se tento ter as coisas feitas e prontas, acredito que as pessoas precisam dessas coisas, eu preciso destas coisas e quero vê-las construídas.”<sup>g</sup>

Da construção rudimentar *Escola Infantil Clandestina* (1968-69) situada no caniço em Lourenço Marques importa esclarecer, o modo como a obra se desenrolou após duas tentativas falhadas, antes da conclusão da mesma. A polícia municipal não permitia que estruturas permanentes fossem erguidas nos bairros de lata do caniço.

O desejo de Pancho Guedes e da população de construir um edifício, só podia ser concretizado num curto espaço de tempo, evitando a interferência das autoridades durante a realização da obra. Assim, com a ajuda de toda a comunidade, mesmo com trabalhadores sem formação, a Escola foi construída com o mínimo de tempo e de custos. Para aproveitar e tirar máximo rendimento do terreno, o projecto tinha um quintal para cultivar vegetais para a sopa diária. Esta estrutura serviria de apoio a uma associação que cuidava de crianças órfãs e abandonadas.

A Escola foi executada com custos mínimos, recorrendo à mão-de-obra de toda a população. Os materiais utilizados foram paus, caniço, galhos, ramos, adobe e capim. As janelas e as portas foram retiradas de edifícios da “cidade” que estavam prestes a ser demolidos.

Vários volumes cúbicos e ou paralelepípedicos acolhem diversas funções. Implantados no terreno, próximos uns dos outros, formam como que uma pequena aldeia cercada por uma vedação. Assim se ergueu uma pequena comunidade:

“A escola tinha uma horta ao lado; era cuidada pelas crianças mais velhas do Caniço e pelos órfãos. Todos os dias se fazia uma excelente sopa para todos com os legumes da horta. Os meninos seguiam o conselho de Cândido e cuidavam do seu jardim”.<sup>h</sup>

Pancho Guedes afirma que esta Escola, apesar de ter uma composição mais desajustada e flexível, tem raízes no *Abrigo para Crianças (Orphanage 1955-60)* em Amesterdão de Aldo van Eyck.

Esta terá sido a obra mais emblemática de construção clandestina, organizada pelo arquitecto português, dado que todo o projecto havia sido pensado e desenhado para se desenrolar nestes moldes: custos mínimos, rapidez e clandestinidade na execução.

O *Ateliê* do pintor Malangatana foi outra construção clandestina. Num terreno que havia adquirido junto ao aeroporto, onde hoje ainda habita e trabalha, ergueu-se uma pequena construção em madeira<sup>i</sup>, paus e cartão, que permitia ao artista ter um local de trabalho independente da habitação. Mais tarde, junto à casa construiu-se, com projecto de Pancho Guedes, o ateliê definitivo (primeira fase).

(Endnotes)

a In A.A.V.V. – Vitruvius Mozambicanus: as vinte e cinco arquitecturas do excelente, bizarro e extraordinário Amâncio Guedes. **Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: [s.n.]. A.1, 5ª série, N. 2 (Julho/Agosto, 1985). p. 38.

b *Luddite* – membro de um grupo de operários que, entre 1811 e 1816, armava motins com o objectivo de destruir as máquinas.

c Estas construções pertenciam à Igreja Congregacional, a Missão Suíça servia de intermediária, dado que os missionários desta Igreja tinham sido expulsos pelo Governo português.

d Era utilizada pedra porosa por questões térmicas. Esta pedra, devido à sua irregularidade, permitia que as superfícies pudessem reflectir os raios solares.

e Pancho Guedes realizou alguns dos seus projectos, em várias fases da sua vida, apenas com os materiais existentes nas áreas de construção dos edificios e com recurso à mão de obra local. Estas fases, designadas de *luddite*, não permitiam o uso da máquina.f In A.A.V.V. – Vitruvius Mozambicanus: as vinte e cinco arquitecturas do excelente, bizarro e extraordinário Amâncio Guedes. **Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: [s.n.]. A.1, 5ª série, N.2 (Julho/Agosto, 1985). p. 38.

g Citação de Amâncio Guedes In SMITHSON, Alison – Team 10 at Royaumont : 1962. **Architectural Design**. London: [s.n.]. V. XLV (November 1975); p. 666.

h In A.A.V.V. – Vitruvius Mozambicanus: as vinte e cinco arquitecturas do excelente, bizarro e extraordinário Amâncio Guedes. **Arquitectura Portuguesa**. Lisboa: [s.n.]. A.1, 5ª série, N.2 (Julho/Agosto, 1985). p. 29.

i A madeira utilizada provinha de caixotes de embalagens que as empresas utilizavam para empacotar determinados produtos.

